

"O CORVO"  
E SUAS TRADUÇÕES

Organização  
IVO BARROSO

2ª edição  
aumentada



© 2000, by Editora Nova Aguilar S.A.

Rua Dona Mariana, 205, casa 1 - Botafogo

cep: 22280-020 - Rio de Janeiro, RJ

Tel/Fax: 537-7189 - 537-8275

e/mail: aguilar@iis.com.br

Revisão:

TERESA DA ROCHA

Capa:

VICTOR BURTON

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

P798c

2ª ed.

Poe, Edgar Allan, 1809-1849

"O Corvo" e suas traduções / organização : Ivo Barroso. - Rio de Janeiro : Lacerda Ed., 2000.

Tradução de: "The Raven"

Texto original do poema, seguido de traduções precedidas de ensaio.

ISBN 85-7384-009-9

1. Poe, Edgar Allan, 1809-1849. "O Corvo" - traduções. 2. Poesia norte-americana. I. Barroso, Ivo. II. Título.

98-0064

CDD 813

CDU 820(73)-3

## SUMÁRIO

Nota editorial .....	7
Nota à 2ª edição .....	9
Apresentação .....	11
"O Corvo" e seus leitores (Carlos Heitor Cony)	
Introdução .....	15
"O Corvo" e suas traduções (Ivo Barroso)	
Dados biográficos de Edgar Allan Poe (Ivo Barroso) .....	33
A Filosofia da composição (Edgar Allan Poe) .....	37
"The Raven" - Edgar Allan Poe (1845) .....	55
Traduções:	
Charles Baudelaire (1853) .....	61
Stéphane Mallarmé (1888) .....	67
Didier Lamaison (1998) .....	73
Machado de Assis (1883) .....	79
Emílio de Meneses (1917) .....	87
Fernando Pessoa (1924) .....	101
Gondin da Fonseca (1928) .....	107
Milton Amado (1943) .....	113
Benedito Lopes (1956) .....	119
Alexei Bueno (1980) .....	135
Jorge Wanderley (1997) .....	141

mas é encontrado por seu amigo, Dr. James E. Snodgrass, no dia 3, em miserável estado, numa taverna. Levado ao hospital, após vários dias de delírio, vem a falecer a 7 de outubro de 1849, dizendo: "Senhor, ajudai minha pobre alma."

\* \* \*

A obra de Poe, inicialmente traduzida na França por Charles Baudelaire, exerceu grande influência não só sobre a literatura daquele país, mas de todo o mundo. O detetive Dupin, de seu conto "Os Crimes da Rua Morgue" serviu de modelo para o Sherlock Holmes, de Conan Doyle. Autores como Jules Verne, Maupassant, Maeterlink, Dostoievski mostram fortes influências de sua prosa. Sua poesia muito inspirou seus tradutores Baudelaire e Mallarmé, e os poetas Verlaine, Rimbaud e Paul Valéry. Poe foi amplamente traduzido em língua portuguesa e influenciou igualmente os nossos escritores. Sua obra completa, bem como sua biografia em dois volumes, devida a Hervey Allen, foi vertida por Oscar Mendes e Milton Amado, este último responsável pela extraordinária versão de "O Corvo", anteriormente traduzido por nomes da importância de Machado de Assis e de Fernando Pessoa, e no qual aparece a figura mítica de Lenora. Por algum tempo, julgou-se que essa imagem poética da "amada morta" fosse uma evocação de Virginia a mulher do poeta. No entanto como se verifica da cronologia acima, o poema foi escrito ainda em vida da esposa, achando-se hoje mais provável que a figura evocada tenha sido a da Sr.<sup>a</sup> Stanard, a mesma inspiradora de "To Helen", cuja morte tanto marcou o poeta. Em seu estudo "A Filosofia da Composição", Poe insiste no entanto em afirmar que o poema foi escrito "a frio", obedecendo a critério rigorosamente técnico, longe de qualquer "inspiração".

Ivo Barroso

## A FILOSOFIA DA COMPOSIÇÃO

Edgar Allan Poe

(tradução de Milton Amado)

Charles Dickens, numa nota que agora está à minha frente, aludindo a uma análise, que fiz, certa vez, do mecanismo, de *Barnaby Rudge*, diz: "De passagem, sabe que Godwin escreveu seu *Caleb Williams* de trás para diante? Envolveu primeiramente seu herói numa teia de dificuldades, que formava o segundo volume, e depois, para fazer o primeiro, ficou procurando um modo de explicar o que havia sido feito".

Não posso pensar que esse seja o modo *preciso* de proceder de Godwin, e, de fato, o que ele próprio confessa não está completamente de acordo com a idéia do sr. Dickens. Mas o autor de *Caleb Williams* era muito bom artista para deixar de perceber a vantagem procedente de um processo, pelo menos, um tanto semelhante. Nada é mais claro do que deverem todas as intrigas, dignas desse nome, ser elaboradas em relação ao *epilogo*, antes que se tente qualquer coisa com a pena. Só tendo o *epilogo* constantemente em vista, poderemos dar a um enredo seu aspecto indispensável de consequência, ou causalidade, fazendo com que os incidentes e especialmente, o tom da obra tendam para o desenvolvimento de sua intenção.

Há um erro radical, acho, na maneira habitual de construir-se uma ficção. Ou a história nos concede uma tese, ou uma é sugerida por um incidente do dia, ou, no melhor caso, o autor senta-se para trabalhar na combinação de acontecimentos impressionantes, para formar simplesmente a base da narrativa, planejando, geralmente, encher de descrições, diálogos ou comentários autorais todas as lacunas do fato ou da ação que se possam tornar aparentes, de página a página.

Eu prefiro começar com a consideração de um *efeito*. Mantendo *sempre* a originalidade em vista, pois é falso a si mesmo quem se arrisca a dispensar uma fonte de interesse tão evidente e tão facilmente alcançável, digo-me, em primeiro lugar: "Dentre os inúmeros efeitos, ou impressões a que são suscetíveis o coração, a inteligência ou, mais geralmente, a alma, qual irei eu na ocasião atual, escolher?" Tendo escolhido primeiro um assunto novelesco e depois um efeito vivo, considero se seria melhor trabalhar com os incidentes ou com o tom — com os incidentes habituais e o tom especial, ou com o contrário, ou com a especialidade tanto dos incidentes, quanto do tom — depois de procurar em torno de mim (ou melhor, dentro) aquelas combinações de tom e acontecimento que melhor me auxiliem na construção do efeito.

Muitas vezes pensei quão interessantemente podia ser escrita uma resenha, por um autor que quisesse — isto é, que pudesse — pormenorizar, passo a passo, os processos pelos quais qualquer uma de suas composições atingia seu ponto de acabamento. Por que uma publicação assim nunca foi dada ao mundo é coisa que eu não sei explicar, mas talvez a vaidade dos autores tenha mais responsabilidade por essa omissão do que qualquer outra causa. Muitos escritores — especialmente os poetas — preferem ter por entendido que compõem por meio de uma espécie de sutil frenesi, de intuição estática; e positivamente estremeceriam ante a idéia de deixar o público dar uma olhadela, por trás dos bastidores, para as rudezas vacilantes e trabalhosas do pensamento, para os verdadeiros propósitos só alcançados no último instante, para os inúmeros relances de idéias que não chegam à maturidade da visão completa, para as imaginações plenamente amadurecidas e repelidas em desespero como inaproveitáveis, para as cautelosas seleções e rejeições, as dolorosas emendas e interpolações; numa palavra para as rodas e rodinhas, os apetrechos de mudança no cenário, as escadinhas e os alçapões do palco, as penas de

galo, a tinta vermelha e os disfarces postiços que, em noventa e nove por cento dos casos, constituem a característica do *histrião* literário.

Bem sei, de outra parte, que de modo algum é comum o caso em que um autor esteja absolutamente em condições de reconstituir os passos pelos quais suas conclusões foram atingidas. As sugestões, em geral, tendo-se erguido em tumulto, são seguidas e esquecidas de maneira semelhante.

Quanto a mim, nem simpatizo com a repugnância acima aludida nem, em qualquer tempo, tive a menor dificuldade em lembrar os passos progressivos de qualquer de minhas composições; e, desde que o interesse de uma análise, ou reconstrução, tal como a que tenho considerado um desiderato, é inteiramente independente de qualquer interesse real ou imaginário na coisa analisada, não se deve encarar, como falta de decoro de minha parte, o mostrar o *modus operandi*, pelo qual uma de minhas próprias obras se completou. Escolhi "O Corvo", como a mais geralmente conhecida. É meu desígnio tornar, manifesto que nenhum ponto de sua composição se refere ao acaso, ou à intuição, que o trabalho caminhou, passo a passo, até completar-se, com a precisão e a seqüência rígida de um problema matemático.

Deixamos de parte, por ser sem importância para o poema *per se*, a circunstância, ou digamos, a necessidade que, em primeiro lugar, deu origem à intenção de compor *um* poema que, a um tempo, agradasse ao gosto do público e da crítica.

Começemos, pois, a partir dessa intenção.

A consideração inicial foi a da extensão. Se alguma obra literária é longa demais para ser lida de uma assentada, devemos resignar-nos a dispensar o efeito imensamente importante que se deriva da unidade de impressão, pois, se se requerem duas assentadas, os negócios do mundo interferem e tudo o que se pareça com totalidade é imediatamente destruído. Mas, visto como, *ceteris paribus*, nenhum poeta po-

de permitir-se dispensar *qualquer coisa* que possa auxiliar seu intento, resta a ver se há, na extensão, qualquer vantagem que contrabalance a perda de unidade resultante. Digo logo que não há. O que denominamos um poema longo é, de fato, apenas a sucessão de alguns curtos; isto é, de breves efeitos poéticos. É desnecessário demonstrar que um poema só o é quando emociona, intensamente, elevando a alma; e todas as emoções intensas, por uma necessidade psíquica, são breves. Por essa razão, pelo menos metade do *Paraíso Perdido* é essencialmente prosa, pois uma sucessão de emoções poéticas se intercala, *inevitavelmente*, de depressões correspondentes; e o conjunto se vê privado, por sua extrema extensão, do vastamente importante elemento artístico, a totalidade, ou unidade de efeito.

Parece evidente, pois, que há um limite distinto, no que se refere à extensão para todas as obras de arte literária, o limite de uma só assentada, e que, embora em certas espécies de composição em prosa, tais como *Robinson Crusoe* (que não exige unidade), esse limite pode ser vantajosamente superado, nunca poderá ser ele ultrapassado convenientemente por um poema. Dentro desse limite, a extensão de um poema deve ser calculada, para conservar relação matemática com seu mérito; em outras palavras, com a emoção ou elevação; ou ainda em outros termos, com o grau, de verdadeiro efeito poético que ele é capaz de produzir. Pois é claro que a brevidade deve estar na razão direta da intensidade do efeito pretendido, e isto com uma condição, a de que certo grau de duração é exigido, absolutamente, para a produção de qualquer efeito.

Tendo em vista essas considerações, assim como aquele grau de excitação, que eu não colocava acima do gosto popular nem abaixo do gosto crítico, alcancei logo e que imaginei ser a *extensão* conveniente, para meu pretendido poema: uma extensão de cerca de cem versos. De fato, ele tem cento e oito.

Meu pensamento seguinte referiu-se à escolha de uma impressão, ou efeito, a ser obtido; e aqui bem posso observar que, através de toda a elaboração, tive firmemente em vista o desejo de tornar a obra apreciável *por todos*. Seria levado longe demais de meu assunto imediato, se fosse demonstrar um ponto sobre o qual tenho repetidamente insistido e que, entre poetas, não tem a menor necessidade de demonstração; refiro-me ao ponto de que a Beleza é a única província legítima do poema. Poucas palavras, contudo, para elucidar meu verdadeiro pensamento que alguns de meus amigos tiveram inclinação para interpretar mal. O prazer que seja ao mesmo tempo o mais intenso, o mais enlevante e o mais puro é, creio eu, encontrado na contemplação do belo. Quando, de fato, os homens falam de Beleza, querem exprimir, precisamente, não uma qualidade, como se supõe, mas um efeito; referem-se, em suma, precisamente àquela intensa e pura elevação da *alma* — e não da inteligência ou do coração — de que venho falando e que se experimenta em consequência da contemplação do Belo. Ora, designo a Beleza como a província do poema, simplesmente porque é evidente regra de arte que os efeitos deveriam jorrar de causas diretas, que os objetivos deveriam ser alcançados pelos meios melhor adaptados para atingi-los. E ninguém houve ainda bastante tolo, para negar que a elevação especial, a que aludi, é *mais prontamente* atingida num poema. Quanto ao objetivo Verdade, ou à satisfação do intelecto, e ao objetivo Paixão, ou à excitação do coração, são eles muito mais prontamente atingíveis na prosa, embora também, até certa extensão, na poesia. A Verdade, de fato, demanda uma precisão, e a Paixão uma *familiaridade* (o verdadeiramente apaixonando me compreenderá), que são inteiramente antagônicas daquela Beleza que, asseguro, é a excitação ou a elevação agradável da alma. De modo algum se segue, de qualquer coisa aqui dita, que a paixão e mesmo a verdade não possam ser introduzidas, proveitosamente introduzidas até, num poema, porque elas podem servir para elucidar ou auxiliar

o efeito geral, como as discordâncias em música, pelo contraste; mas o verdadeiro artista sempre se esforçará, em primeiro lugar, para harmonizá-las, na submissão conveniente ao alvo predominante, e, em segundo lugar, para revesti-las, tanto quanto possível, daquela Beleza que é a atmosfera e a essência do poema.

Encarando, então, a Beleza como a minha província, minha seguinte questão se referia ao *tom* de sua mais alta manifestação, e todas as experiências têm demonstrado que esse tom é o da *tristeza*. A beleza de qualquer espécie, em seu desenvolvimento supremo, invariavelmente provoca na alma sensitiva as lágrimas. A melancolia é, assim, o mais legítimo de todos os tons poéticos.

Estando assim determinados a extensão, a província e o tom, entreguei-me à indução normal, a fim de obter algum efeito artístico agudo que me pudesse servir de nota-chave na construção do poema, algum eixo sobre o qual toda a estrutura devesse girar. Passando cuidadosamente em revista todos os efeitos artísticos usuais, ou, mais propriamente, *situações*, no sentido teatral, não deixei de perceber de imediato que nenhum tinha sido tão universalmente empregado como o do *refrão*. A universalidade desse emprego bastou para me assegurar de seu valor intrínseco e evitou-me a necessidade de submetê-lo à análise. Considerei-o, contudo, em relação à sua suscetibilidade de aperfeiçoamento e vi logo que ainda se achava num estado primitivo. Como é comumente usado, o refrão poético, ou estribilho, não só se limita ao verso lírico, mas depende, para impressionar, da força da monotonia, tanto no som, como na idéia. O prazer somente se extrai pelo sentido de identidade, de repetição. Resolvi fazer diversamente, e assim elevar o efeito, aderindo em geral à monotonia do som, porém continuamente variando na da idéia: isto é, decidi produzir continuamente novos efeitos, pela *variação da aplicação* do estribilho, permanecendo este, na maior parte das vezes, invariável.

Assentados tais pontos, passei a pensar sobre a natureza de meu refrão. Desde que sua aplicação deveria ser repetidamente variada, era claro que esse refrão deveria ser breve, pois haveria insuperáveis dificuldades na aplicação de qualquer sentença extensa. Em proporção à brevidade da sentença estaria, naturalmente, a facilidade da variação. Isso imediatamente me levou a uma só palavra como o melhor refrão.

Suscitou-se, então, a questão do caráter da palavra. Tendo-me inclinado por um refrão, a divisão do poema em estância surgia, naturalmente, como corolário, formando o refrão o fecho de cada estância. Não cabia dúvida de que tal fecho, para ter força, devia ser sonoro e suscetível de ênfase prolongada; e tais considerações inevitavelmente me levaram ao *o* prolongado, como a mais sonora vogal, em conexão com o *r*, como a consoante mais aproveitável.

Ficando assim determinado o som do refrão, tornou-se necessário escolher uma palavra que encerrasse esse som e, ao mesmo tempo, se relacionasse o mais possível com a melancolia predeterminada como o tom do poema. Em tal busca, teria sido absolutamente impossível que escapasse a palavra "nevermore".<sup>1</sup> De fato, foi ela a primeira que se apresentou.

O desiderato seguinte era um pretexto para o uso contínuo da palavra "nevermore" (nunca mais). Observando a dificuldade que já encontrara em inventar uma razão suficientemente plausível para sua contínua repetição, não deixei de perceber que essa dificuldade nascia somente da presunção, de que a palavra devia ser contínua ou monotonicamente pronunciada por um ser *humano*. Não deixei de perceber, em

<sup>1</sup> Na tradução portuguesa para esta edição foi empregada a expressão "nunca mais", que também é capaz de produzir efeitos semelhantes aos desejados pelo autor. (N. do T.).

suma, que a dificuldade estava em conciliar essa monotonia com o exercício da razão por parte da criatura que repetisse a palavra. Daí, pois, ergueu-se imediatamente a idéia de uma criatura *não* racional, capaz de falar, e muito naturalmente foi sugerida, de início, a de um papagaio, que foi logo substituída pela de um Corvo, como igualmente capaz de falar e infinitamente mais em relação com o *tom* pretendido.

Eu já havia chegado à idéia de um Corvo, a ave do mau agouro, repetindo monotonamente a expressão "Nunca mais", na conclusão de cada estância de um poema de tom melancólico e extensão de cerca de cem linhas. Então, jamais perdendo de vista o objetivo — o *superlativo*, ou a perfeição em todos os pontos —, perguntei-me: "De todos os temas melancólicos, qual, segundo a compreensão *universal* da humanidade, é o mais melancólico?" A Morte — foi a resposta evidente. "E quando", insisti, "esse mais melancólico dos temas se torna o mais poético?" Pelo que já explanei, um tanto prolongadamente, a resposta também aí era evidente: "Quando ele se alia, mais de perto, à *Beleza*; a morte, pois, de uma bela mulher é, inquestionavelmente, o tema mais poético do mundo e, igualmente, a boca mais capaz de desenvolver tal tema é a de um amante deprimido de seu amor."

Tinha, pois, de combinar as duas idéias, a de um amante lamentando sua morta amada e a de um Corvo continuamente repetindo as palavras "Nunca mais". E tinha de combiná-las tendo em mente meu propósito de variar, a cada vez, a *aplicação* da palavra repetida, mas a única maneira inteligível de tal combinação era a de imaginar o Corvo empregando a palavra, em resposta às perguntas do amante. E então aí vi, imediatamente, a oportunidade concedida para o efeito do qual eu tinha estado dependente, isto é, o efeito da *variação da aplicação*. Vi que poderia fazer da primeira pergunta, apresentada pelo amante — a primeira pergunta a que o Corvo deveria responder "Nunca mais" —, que poderia fazer dessa primeira pergunta um lugar-comum, da segun-

da uma expressão menos comum, da terceira ainda menos, e assim por diante, até que o amante, arrancado de sua displicência primitiva, pelo caráter melancólico da própria palavra, pela sua freqüente repetição e pela consideração da sinistra reputação da ave que pronunciava, fosse afinal excitado à superstição e loucamente fizesse perguntas de espécie muito diversa, perguntas cujas respostas lhe interessavam apaixonadamente ao coração, fazendo-as num misto de superstição e daquela espécie de desespero que se deleita na própria tortura, fazendo-as, não porque propriamente acreditasse no caráter profético ou demoníaco da ave (que a razão lhe diz estar apenas repetindo uma lição aprendida rotineiramente), mas porque experimentaria um frenético prazer em organizar suas perguntas para receber, do *esperado* "nunca mais", a mais deliciosa, porque a mais intolerável, das tristezas. Percebendo a oportunidade que assim se me oferecia, ou, mais estritamente, que se me impunha no desenrolar da composição, estabeleci na mente o *clímax*, ou a pergunta conclusiva: aquela pergunta de que o "Nunca mais" seria, pela última vez, a resposta; aquela pergunta em resposta à qual o "Nunca mais" envolveria a máxima concentração possível de tristeza e de desespero.

Aí, então, pode-se dizer que o poema teve seu começo, pelo fim por que devem começar todas as obras de arte, porque foi nesse ponto de minhas considerações prévias que, pela primeira vez, tomei do papel e da pena para compor a estância:

"Profeta!" — exclamo. "Ó ser do mal! Profeta sempre, ave infernal!  
Pelo alto céu, por esse Deus, que adoram todos os mortais,  
fala se esta alma, sob o guante atroz da dor, no Éden distante  
verá a deusa fulgurante a quem, nos céus, chamam Lenora  
— essa, mais bela do que a aurora, a quem, nos céus, chamam Lenora!"

E o Corvo disse: "Nunca mais!"

Compus essa estância, nesse ponto, primeiramente porque, estabelecendo o ponto culminante, melhor poderia variar e graduar, no que se refere à seriedade e importância, as perguntas precedentes do amante e, em segundo lugar, porque poderia definitivamente assentar o ritmo, o metro, a extensão e o arranjo geral da estância, assim como graduar as estâncias que a deviam preceder, para que nenhuma delas pudesse ultrapassá-la em seu efeito rítmico. Tivesse eu sido capaz, na composição subsequente, de construir estâncias mais vigorosas, não teria hesitações em enfraquecê-las propositadamente, para que não interferissem com o efeito culminante.

E aqui bem posso dizer algumas palavras sobre versificação. Meu primeiro objetivo, como de costume, era a originalidade. A amplitude com que esta tem sido negligenciada na versificação é uma das coisas mais inexplicáveis do mundo. Admitindo-se que haja pequena possibilidade de variedade no *ritmo*, permanece claro, porém, que as variedades possíveis do metro e da estância são absolutamente infinitas, e contudo, *durante séculos, nenhum homem, em verso, jamais fez ou jamais pareceu pensar em fazer uma coisa original*. A verdade é que a originalidade (a não ser em espíritos de força muito comum) de modo algum é uma questão, como muitos supõem, de impulso ou de intuição. Para ser encontrada, ela, em geral, tem de ser procurada trabalhosa e, embora seja um mérito positivo da mais alta classe, seu alcance requer menos invenção que negação.

Sem dúvida, não pretendo que haja qualquer originalidade, quer no ritmo, quer no metro de "O Corvo".<sup>2</sup> O primeiro é trocaico, o segun-

<sup>2</sup> A explicação da forma utilizada refere-se, é evidente, ao original inglês. Na tradução portuguesa, de que nos estamos valendo, por motivos óbvios, o metro e o ritmo são outros, embora com a preocupação de se aproximar o máximo possível do original. (N. do T.).

do é octâmetro acatalético, alternando-se com um heptâmetro cata-lético, repetido no refrão do quinto verso e terminando com um tetâmetro catalético. Falando menos pedantescamente, o pé empregado no poema (troqueu) consiste em um sílaba longa, seguida por uma curta; o primeiro verso da estância compõe-se de oito desses pés; o segundo, de sete e meio (de fato, dois terços), o terceiro de oito, o quarto de sete e meio, o quinto idem, o sexto de três e meio. Ora, cada um desses versos, tomado separadamente, tem sido empregado antes, mas a originalidade que "O Corvo" tem está em sua *combinação na estância*, nada já havendo sido tentado que mesmo remotamente se aproximasse dessa combinação. O efeito dessa originalidade de combinação é ajudado por outros efeitos incomuns, alguns inteiramente novos, oriundos de uma ampliação da aplicação dos princípios de rima e de aliteração.

O ponto seguinte, a ser considerado, era o modo de juntar o amante e o Corvo: e o primeiro ramo dessa consideração era o *local*. Para isso, a sugestão mais natural seria a de uma floresta, ou a dos campos; mas sempre me pareceu que uma *circunscrição fechada do espaço* é absolutamente necessária para o efeito do incidente insulado e tem a força de uma moldura para um quadro. Tem indiscutível força moral, para conservar concentrada a atenção e, naturalmente, não deve ser confundida com a mera unidade de lugar.

Determinei, então, colocar o amante em seu quarto — num quarto para ele sagrado, pela recordação daquela que o freqüentara. O quarto é apresentado como ricamente mobiliado, isso na simples continuação das idéias, que eu já tinha explanado, a respeito da Beleza como a única verdadeira tese poética.

Tendo sido assim determinado o *local*, tinha agora de introduzir a ave e o pensamento de fazê-lo pela janela era inevitável. A idéia de fazer o amante supor, em primeiro lugar, que o tatarar ("flapping") das

asas da ave contra o postigo é um "batido" ("tapping") à porta, originou-se dum desejo de aumentar, pela prolongação, a curiosidade do leitor, e dum desejo de admitir o efeito casual, surgindo do fato de o amante abrir a porta, achar tudo escuro e depois aceitar a semifantasia de que fora o espírito de sua amada que batera.

Fiz a noite tempestuosa, primeiro para explicar por que o Corvo procurava entrar e, em segundo lugar, para efeito de contraste com a serenidade (física) que reinava dentro do quarto.

Fiz o pássaro pousar no busto de Minerva ("Pallas"), também para efeito de contraste entre o mármore e a plumagem — sendo entendido que o busto foi absolutamente *sugerido* pelo pássaro — e escolhido o busto de *Minerva*, primeiro, para combinar mais com a erudição do amante e, em segundo lugar, pela sonoridade da própria palavra Minerva.

Pelo meio do poema, também, aproveitei-me da força do contraste, tendo em vista aprofundar a impressão derradeira. Por exemplo, um ar do fantástico — aproximando-se o mais possível do burlesco — é dado à entrada do Corvo. Ele entra "em tumulto, a esvoaçar" ("*with many a flirt and flutter*").

*Como um fidalgo passa, Augusto, e sem notar sequer meu susto,  
adeja e pousa sobre o busto — uma escultura de Minerva.*

Nas duas estâncias que se seguem, esse designio é ainda mais evidentemente solicitado:

*Ao ver da ave austera e escura a soleníssima figura,  
desperta em mim um leve riso, a distrair-me de meus ais.  
"Sem crista embora, ó Corvo antigo e singular" — então lhe digo —  
"não tens pavor; fala comigo, alma da noite, espectro  
torvo qual é o teu nome, ó nobre Corvo, o nome teu no inferno torvo!"  
E o Corvo disse: "Nunca mais".*

*Maravilhou-me que falasse uma ave rude dessa classe,  
misteriosa esfinge negra, a retorquir-me em termos tais,  
pois nunca soube de vivente algum, outrora ou no presente,  
que igual surpresa experimente: a de encontrar, em sua porta,  
uma ave (ou fera, pouco importa) empoleirada, em sua porta,  
e que se chama "Nunca mais".*

Sendo assim assegurado o efeito do desenvolvimento, imediatamente troquei o fantástico por um tom da mais profunda seriedade, começando esse tom na estância imediatamente seguinte à última citada, com o verso:

*Diversa coisa não dizia, ali pousada, a ave sombria etc.*

Daí para a frente, o amante não mais zomba, não mais vê qualquer coisa de fantástico na conduta do Corvo. Fala dele como "horrendo, torvo, ominoso e antigo" ("*grim, ungainly, ghastly, gaunt and ominous bird of yore*"), sentindo "da ave, incandescente, o olhar" ("*fiery eyes*") queimá-lo "fixamente" ("*bosom's core*"). Essa revolução do pensamento, ou da imaginação, da parte do leitor, levar o espírito a uma disposição própria para o *desenlace*, que é agora completado tão rápida e diretamente quanto possível.

Com o *desenlace* conveniente, com a resposta do Corvo, "Nunca mais", à pergunta final do amante, sobre se ele encontraria sua amada em um outro mundo, o poema, em sua fase evidente, que é a da simples narrativa, pode ser considerado como completo. Até aí, tudo está dentro dos limites do explicável, do real. Um corvo, tendo aprendido rotineiramente a dizer apenas "Nunca mais" e tendo escapado à vigilância de seu dono, é levado à meia-noite, em meio à violência de uma tempestade, a buscar entrada numa janela, pela qual se vê ainda a luz brilhar: a janela do quarto de um estudante, ocupado entre folhe-

ar um volume e sonhar com uma adorada amante morta. Sendo aberta a janela, ao tumultuar das asas da ave, esta pousa no sítio mais conveniente, fora do alcance imediato do estudante que, divertido pelo incidente e pela extravagância das maneiras do visitante, pergunta-lhe, por brincadeira e sem esperar resposta, por seu nome. O Corvo, interrogado responde com seu costumeiro "Nunca mais", frase que logo encontra eco no coração melancólico do estudante, que, dando expressão, em voz alta, a certos pensamentos sugeridos pelo momento, é de novo surpreendido pela repetição do "Nunca mais" do Corvo. O estudante adivinha então a real causa do acontecimento, mas é impelido, como já explanei, pela sede humana de autotortura, e, em parte, pela superstição, a propor questões tais à ave que só lhe trarão, ao amante, o máximo da volúpia da tristeza, graças à esperada frase "Nunca mais". Levando até o extremo essa autotortura, a narração, naquilo que denominei sua fase primeira ou evidente, tem um fim natural e até aí não ultrapassou os limites do real.

Mas nos assuntos assim manejados, por mais agudamente que o sejam, por mais vivas riquezas de incidentes que possuam, há sempre certa dureza ou nudez que repele o olhar artístico. Duas coisas são invariavelmente requeridas primeiramente, certa soma de complexidade, ou mais propriamente, de adaptação; e, em segundo lugar, certa soma de sugestividade, certa subcorrente embora indefinida de sentido. Esta última, afinal, é que dá a uma obra de arte tanto daquela *riqueza* (para tirar da conversação cotidiana um termo eficaz) que gostamos demais de confundir com o *ideal*. É o *excesso* do sentido sugerido, é torná-lo a corrente superior, em vez da subcorrente do tema, que transforma em prosa (e prosa da mais chata espécie) a assim chamada poesia dos assim chamados transcendentalistas.

Mantendo essas opiniões, ajuntei duas estâncias que concluem o poema, sendo sua sugestividade destinada a penetrar toda a narrativa

que as precede. A subcorrente de significação torna-se primeiramente evidente no verso

"Retira a garra que me corta o *peito* e vai-te dessa porta!"

E o Corvo disse: "Nunca mais!"

Deve-se observar que as palavras "o peito" envolvem a primeira expressão metafórica no poema. Elas, com a resposta "Nunca mais", dispõem a mente a buscar uma moral em tudo quanto foi anteriormente narrado. O leitor começa agora a encarar o Corvo como simbólico, mas não é senão nos versos finais da última estância que se permite distintamente ser vista a intenção de torná-lo um emblema da *Recordação dolorosa e infundável*:

E lá ficou! Hirto, sombrio, ainda hoje o vejo, horas  
a fio, sobre o alvo busto de Minerva, inerte sempre em meus umbrais.  
No seu olhar medonho e enorme o anjo do mal, em sonhos, dorme,  
e a luz da lâmpada, disforme, atira ao chão a sua sombra.  
Nela, que ondula sobre a alfombra, está *minha alma* e, *presa à sombra*,  
Não há de erguer-se, aí! nunca mais!

"O CORVO" E SUAS TRADUÇÕES

# THE RAVEN – EDGAR ALLAN POE

1845

Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary,  
Over many a quaint and curious volume of forgotten lore,  
While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,  
As of some one gently rapping, rapping at my chamber door.  
"Tis some visitor", I muttered, "tapping at my chamber door –  
– Only this and nothing more."

Ah, distinctly I remember it was in the bleak December,  
And each separate dying ember wrought its ghost upon the floor.  
Eagerly I wished the morrow; vainly I had sought to borrow  
From my book surcease of sorrow – sorrow for the lost Lenore, –  
For the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore –  
Nameless *here* for evermore.

And the silken, sad, uncertain rustling of each purple curtain  
Thrilled me – filled me with fantastic terrors never felt before;  
So that now, to still the beating of my heart, I stood repeating:  
"Tis some visitor entreating entrance at my chamber door –  
Some late visitor entreating entrance at my chamber door –;  
This it is and nothing more."

Presently my soul grew stronger: hesitating then no longer,  
"Sir", said I, "or Madam, truly your forgiveness I implore;  
But the fact is I was napping, and so gently you came rapping,  
And so faintly you came tapping, tapping at my chamber door,  
That I scarce was sure I heard you" – here I opened wide the door –  
Darkness there and nothing more.





MACHADO DE ASSIS

1883

Em certo dia, à hora, à hora  
Da meia-noite que apavora,  
Eu caindo de sono e exausto de fadiga,  
Ao pé de muita lauda antiga,  
De uma velha doutrina, agora morta,  
la pensando, quando ouvi à porta  
Do meu quarto um soar devagarinho  
E disse estas palavras tais:  
"É alguém que me bate à porta de mansinho;  
Há de ser isso e nada mais."

Ah! bem me lembro! bem me lembro!  
Era no glacial dezembro;  
Cada brasa do lar sobre o chão refletia  
A sua última agonia.  
Eu, ansioso pelo sol, buscava  
Sacar daqueles livros que estudava  
Repouso (em vão!) à dor esmagadora  
Destas saudades imortais  
Pela que ora nos céus anjos chamam Lenora,  
E que ninguém chamará jamais.

E o rumor triste, vago, brando,  
Das cortinas ia acordando  
Dentro em meu coração um rumor não sabido  
Nunca por ele padecido.  
Enfim, por aplacá-lo aqui no peito,

Levantei-me de pronto e: "Com efeito  
 (Disse) é visita amiga e retardada  
 Que bate a estas horas tais.  
 É visita que pede à minha porta entrada:  
 Há de ser isso e nada mais."

Minhalma então sentiu-se forte;  
 Não mais vacilo e desta sorte  
 Falo: "Imploro de vós — ou senhor ou senhora —  
 Me desculpeis tanta demora.  
 Mas como eu, precisando de descanso,  
 Já cochilava, e tão de manso e manso  
 Batestes, não fui logo prestemente,  
 Certificar-me que aí estais."  
 Disse: a porta escancarou, acho a noite somente,  
 Somente a noite, e nada mais.

Com longo olhar escruto a sombra,  
 Que me amedronta, que me assombra,  
 E sonho o que nenhum mortal há já sonhado,  
 Mas o silêncio amplo e calado,  
 Calado fica; a quietação quieta:  
 Só tu, palavra única e diletta,  
 Lenora, tu como um suspiro escasso,  
 Da minha triste boca saís;  
 E o eco, que te ouviu, murmurou-te no espaço;  
 Foi isso apenas, nada mais.

Entro co'a alma incendiada.  
 Logo depois outra pancada

Soa um pouco mais forte; eu, voltando-me a ela:  
 "Seguramente, há na janela  
 Alguma coisa que sussurra. Abram os  
 Eia, fora o temor, eia, vejamos  
 A explicação do caso misterioso  
 Dessas duas pancadas tais.  
 Devolvamos a paz ao coração medroso.  
 Obra do vento e nada mais."

Abro a janela e, de repente,  
 Vejo tumultuosamente  
 Um nobre Corvo entrar, digno de antigos dias.  
 Não despendeu em cortesias  
 Um minuto, um instante. Tinha o aspecto  
 De um *lord* ou de uma *lady*. E pronto e reto  
 Movendo no ar as suas negras alas.  
 Acima voa dos portais,  
 Trepando, no alto da porta, em um busto de Palas;  
 Trepado fica, e nada mais.

Diante da ave feia e escura,  
 Naquela rígida postura,  
 Com o gesto severo — o triste pensamento  
 Sorriu-me ali por um momento,  
 E eu disse: "Ó tu que das noturnas plagas  
 Vens, embora a cabeça nua tragas,  
 Sem topete, não és ave medrosa,  
 Dize os teus nomes senhoriais:  
 Como te chamas tu na grande noite umbrosa?"  
 E o Corvo disse: "Nunca mais."

Vendo que o pássaro entendia  
 A pergunta que lhe eu fazia,  
 Fico atônito, embora a resposta que dera  
 Dificilmente lha entendera.  
 Na verdade, jamais homem há visto  
 Coisa na terra semelhante a isto:  
 Uma ave negra, friamente posta,  
 Num busto, acima dos portais,  
 Ouvir uma pergunta e dizer em resposta  
 Que este é o seu nome: "Nunca mais."

No entanto, o Corvo solitário  
 Não teve outro vocabulário,  
 Como se essa palavra escassa que ali disse  
 Toda sua alma resumisse.  
 Nenhuma outra proferiu, nenhuma,  
 Não chegou a mexer uma só pluma,  
 Até que eu murmurei: "Perdi outrora  
 Tantos amigos tão leais!  
 Perderei também este em regressando a aurora."  
 E o Corvo disse: "Nunca mais."

Estremeço. A resposta ouvida  
 É tão exata! é tão cabida!  
 "Certamente, digo eu, essa é toda a ciência  
 Que ele trouxe da convivência  
 De algum mestre infeliz e acabrunhado  
 Que o implacável destino há castigado  
 Tão tenaz, tão sem pausa, nem fadiga,  
 Que dos seus cantos usuais

Só lhe ficou, na amarga e última cantiga,  
 Esse estribilho: "Nunca mais."

Segunda vez, nesse momento,  
 Sorriu-me o triste pensamento;  
 Vou sentar-me defronte ao Corvo magro e rudo;  
 E mergulhando no veludo  
 Da poltrona que eu mesmo ali trouxera  
 Achar procuro a lúgubre quimera.  
 A alma, o sentido, o pávido segredo  
 Das silabas fatais,  
 Entender o que quis dizer a ave do medo  
 Grasnando a frase: "Nunca mais."

Assim, posto, devaneando,  
 Meditando, conjecturando,  
 Não lhe falava mais; mas, se lhe não falava,  
 Sentia o olhar que me abrasava,  
 Conjecturando fui, tranqüilo, a gosto,  
 Com a cabeça no macio encosto,  
 Onde os raios da lâmpada caíam,  
 Onde as tranças angelicais  
 De outra cabeça outrora ali se desparziam,  
 E agora não se esparzem mais.

Supus então que o ar, mais denso,  
 Todo se enchia de um incenso.  
 Obra de serafins que, pelo chão roçando  
 Do quarto, estavam meneando  
 Um ligeiro turíbulo invisível;

E eu exclamei então: "Um Deus sensível  
Manda repouso à dor que te devora  
Destas saudades imortais.

'Eia, esquece, eia, olvida essa extinta Lenora."  
E o Corvo disse: "Nunca mais."

"Profeta, ou o que quer que sejas!  
Ave ou demônio que negrejas!

Profeta sempre, escuta: Ou venhas tu do inferno  
Onde reside o mal eterno,

Ou simplesmente naufrago escapado  
Venhas do temporal que te há lançado

Nesta casa onde o Horror, o Horror profundo  
Tem os seus lares triunfais,

Dize-me: "Existe acaso um bálsamo no mundo?"  
E o Corvo disse: "Nunca mais."

"Profeta, ou o que quer que sejas!  
Ave ou demônio que negrejas!

Profeta sempre, escuta, atende, escuta, atende!  
Por esse céu que além se estende,

Pelo Deus que ambos adoramos, fala,  
Dize a esta alma se é dado inda escutá-la

No Éden celeste a virgem que ela chora  
Nestes retiros sepulcrais.

Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora!"  
E o Corvo disse: "Nunca mais."

"Ave ou demônio que negrejas!  
Profeta, ou o que quer que sejas!

Cessa, ai, cessa!, clamei, levantando-me, cessa!

Regressa ao temporal, regressa

À tua noite, deixa-me comigo.

Vai-te, não fique no meu casto abrigo

Pluma que lembre essa mentira tua,

Tira-me ao peito essas fatais

Garras que abrindo vão a minha dor já crua."

E o Corvo disse: "Nunca mais."

E o Corvo aí fica; ei-lo trepado

No branco mármore lavrado

Da antiga Palas; ei-lo imutável, ferrenho.

Parece, ao ver-lhe o duro cenho,

Um demônio sonhando. A luz caída

Do lampião sobre a ave aborrecida

No chão espraia a triste sombra; e fora

Daquelas linhas funerais

Que flutuam no chão, a minha alma que chora

Não sai mais, nunca, nunca mais!

## EMÍLIO DE MENEZES

(1917)

*À memória de Machado de Assis*

*O inexcédido e inexcédível tradutor do genial poema de Edgar Poe, consagro esta pálida paráfrase que em nada se aproxima e jamais pretendeu aproximar-se da imorredoura tradução feita pelo Mestre dos Mestres.*

Desta amarga existência em certo amargo dia,  
À hora da meia-noite, augural e profana,  
Eu, de velha doutrina, as páginas relia  
Curvo ao peso do sono e da fadiga insana.

Mal do meu pensamento a direção seguia  
Por essa hora de horror em que da treva emana  
Toda em funda hediondez, desoladora e fria,  
Da atra recordação, a atra saudade humana.

Foi assim que senti, do meu triste aposento,  
Como um leve sussurro a passar, lento e lento,  
E uma leve pancada a bater nos umbrais.

Disse comigo: é alguém que pela noite fora,  
Vem, retarda visita, e retarda-se agora...  
A bater mansamente à porta, nada mais!...

II

Ó se o recorde, e bem! numa invernã brava,  
O rispido e glacial Dezembro decorria  
E, da lareira ao chão, cada brasa lançava  
O supremo fulgor da sua lenta agonia.

E eu a esperar, em vão, a aurora que tardava  
Queria, em vão, achar nessa velha teoria  
Contida no volume antigo que estudava,  
Um consolo sequer à dor que me pungia.

Em vão! consolo, em vão! à minha dor profunda  
Em vão repouso, em vão! à alma que se me inunda  
Desta imortal saudade aos prantos imortais.

Porque jamais se esquece, alma consoladora  
Como essa que nos céus é chamada Eleonora,  
Nome que nunca mais ouvirei, nunca mais!

III

Ante o vago oscilar, indefinido e brando,  
Das cortinas que o vento, ao leve, sacudia,  
la-me o coração sinistramente entrando  
O sombrio terror da noite erma e sombria.

Um tétrico pavor que então desconhecia  
E que me estrangulava o peito miserando,  
A alma, sem compaixão, de dúvidas me enchia  
E pouco a pouco foi meu ser avassalando.

Enfim, para volver à ambicionada calma  
E a coragem, de novo, amparar-se-me d'alma,  
Repetia a mim mesmo estas palavras tais:

"Nada mais é talvez que retarda visita  
Que vem de noite em fora e entrada solícita!  
É visita que vem, por certo, nada mais!"

IV

A calma que até aí do peito me fugia  
Voltou de novo ao peito e, à coragem primeira,  
Não mais vacilações, não mais mente erradia!  
Ao estranho rumor falo desta maneira:

"Como nesta ocasião o sono me prendia  
E a pancada foi tal, tão leve e tão ligeira,  
Que presto não corri; perdoai-me esta ousadia  
Dama ou senhor que estais da minha porta à ombreira.

Tão receosamente e vagorosamente  
Batestes, que não fui receber-vos contente,  
Como hóspede que sois e à minha porta estais."

E assim falando e olhando, escancarei a porta,  
Mas só encontrei naquela hora adiantada e morta,  
Tрева! Трева somente! A трева e nada mais!

V

Cravo os olhos na treva e longamente a escruto,  
E a treva é muda e é muda a própria ventania,  
E longo tempo assim com o próprio medo luto,  
De dúvida e terror povoando a fantasia.

Sonhos que outro mortal, como eu nunca ousaria  
Sonhar, me vêm num bando esmagador e bruto.  
Profunda calma aquieta a quieta calmaria,  
Imóvel é o silêncio e só o silêncio escuto!...

A única voz humana, o único som ouvido,  
É este nome, em surdina e a medo proferido;  
É este nome que encerra os meus mortos ideais.

Sou eu quem o profere, eu que o trago na mente,  
E um eco a repercutir, repete-o vagamente:  
— “Eleonora! Eleonora!” É isto e nada mais!

VI

Entrei de novo em ânsia e ardendo a estranho fogo,  
Senti que, dentro em mim, todo o meu ser ardia.  
Ouvi distintamente outra pancada e, logo,  
De outra pancada o som mais claro percutia.

A essa nova impressão, volto-me e monologo:  
Talvez cousa qualquer me bata à gelosia.  
Certamente que sim, pois que ludíbrio e jogo  
Do pavor de mim mesmo, eu, certo, não seria!

Fujamos, pois, do medo ao tenebroso império!  
Ânimo, coração! sondemos o mistério,  
Se bem que a noite esteja uivando aos vendavais.

E continuando fui: Nada mais foi que o vento,  
Não foi mais que o feroz, não foi mais que o violento  
Sopro do furacão! Foi isso e nada mais!...

VII

Abro a janela e vejo entrar, ruidosamente,  
Amplas asas batendo e ares de fidalguia,  
Um majestoso corvo altivo e irreverente  
Como arauto feral da noite erma e bravia.

Sem fazer o menor sinal de cortesia,  
Sem um gesto sequer de hesitação prudente,  
Como entraria um nobre, alta dama entraria,  
Entrou e se alojou despreocupadamente.

Vagaroso e solene, ar indolente e farto,  
Exatamente sobre a entrada de meu quarto,  
Seguro abrigo achou acima dos portais.

Esta recordação até agora me enerva:  
Sobre um pálido busto antigo de Minerva,  
Rígido e senhorial, postou-se e nada mais!

## VIII

A este pássaro audaz, de ébano a cor das penas,  
 Grave na compostura e na fisionomia,  
 Que ao cérebro me dava idéias mais serenas,  
 Que me acalmava o peito, e a sorrir me induzia.

Voltando-me disse eu: "Tu que te não encenas  
 De altas cristas ou poupa à negra frontaria,  
 Velho corvo feral que te mostras apenas,  
 Certo, não és o vil núncio da covardia.

Corvo! antigo viajor que das regiões da noite  
 Partiste a procurar um teto que te acoite,  
 Dize-me tu quais são teus títulos reais!

Qual a pátria ante a qual teu orgulho se ufana?  
 Quais as tuas regiões na noite plutoniana?....  
 E o corvo senhorial respondeu: "Nunca mais!..."

## IX

Ao perceber assim que a ave me compreendia  
 E que dava resposta a esta pergunta estranha  
 Que eu, entre espanto e medo, a medo lhe fazia,  
 Senti, de pasmo, n'alma um peso de montanha.

Porque ainda quem tenha uma intuição tamanha  
 Capaz de perceber o que outrem mal veria,  
 Certo, não achará neste dédalo um guia  
 Para o tirar do caos em que a alma se emaranha!

Ninguém verá, como eu, a ave negra num busto,  
 Sem que a mova o receio e sem que a mova o susto,  
 Tranqüila espreguiçando as asas triunfais,

Ouvir a minha voz a lhe indagar o nome  
 E ante a curiosidade atroz que me consome,  
 Dizer-me simplesmente a frase: Nunca mais!...

## X

A ave hedionda, entretanto, erma, a encimar o busto,  
 Sobre cuja brancura as asas distendia,  
 Como se essa palavra o sentido mais justo  
 Tivesse e contivesse a suprema harmonia;

Fosse do pensamento um invólucro augusto  
 Cheio de precisão e cheio de energia,  
 Nada mais pronunciou, nem ao menos, a custo,  
 Uma pluma moveu da plumagem macia.

Eu que continha mal toda a minha saudade,  
 Apenas murmurei: Amigos de outra idade  
 Tive, partiram; certo, assim também te vais!

Assim também te irás, mal rompa em luz a aurora!  
 Esperanças que tive, assim fostes embora!  
 E o corvo repetiu a frase: Nunca mais!...

## XI

Todo o assombro em meu ser por tremor se anuncia,  
Ouvindo a ave augural sem o menor estorvo,  
Tal resposta me dar, com tanta analogia  
Que inda agora, a lembrá-la, eco por eco a sorvo.

Certo a frase aprendeu na triste companhia  
De algum mestre infeliz cujo destino torvo,  
Da dor o escravizou à fera tirania,  
E a sabe assim de cor, o foragido corvo!

Tantas vezes a ouviu. Tão repetidamente  
O seu mestre infeliz lha fez vibrar na mente,  
Que hoje a profere a rir, como a profere em ais!

*De profundis!* cruel de uma morta esperança,  
Tão tristonhas canções deixaram na lembrança,  
Do corvo este estribilho, este só: Nunca mais!...

## XII

Como apesar de tudo a calma conseguia  
Fazer-me d'alma vir, do lábio, um riso, à tona,  
Chegando-me ao portal, do corvo hospedaria,  
Sentei-me e recostei-me a uma antiga poltrona.

Frente à frente do corvo, a alma já me sorria  
E toda entregue a mim, como quem se abandona,  
Busco ansioso indagar que novas me traria  
O fúnebre viajor que inda hoje me emociona!

Procuro compreender qual o escondido gozo  
Desse vil e sinistro arauto tenebroso  
Que em dois termos resume os seus vis cabedais;

Que os seus vis cabedais de ciência e de linguagem  
Resume ao exhibir-me a tétrica plumagem  
Crocitando e grasnando a frase: Nunca mais!...

## XIII

Deixo-me após ficar como quem se extasia  
Entre a alucinação e a funda conjetura,  
Ante a luz da razão e a névoa da utopia,  
Sem nada a me apoiar a mente mal segura.

Nada mais pronunciei, nem um som se me ouvia  
E como a um ferro em brasa, a uma horrível tortura,  
Da ave ao olhar hostil e à pérfida ironia  
N'alma entrou-me o terror que as almas transfigura.

Mas a um torpor de quem vagamente ressona,  
Recosto-me ao espladar dessa velha poltrona  
Que eu para ali trouxera em ânsias infernais,

E vejo a luz brilhar sobre o roxo veludo  
Em que por tanta vez d'Ela o semblante mudo  
Brilhou, mas nunca mais brilhará! Nunca mais!

## XIV

Sinto assim a envolver-me uma nuvem de incenso,  
Solta de um incensório oculto que pendia  
Das invisíveis mãos de anjos que em coro extenso,  
Revoavam roçagando a ampla tapeçaria.

Haurindo o ar aromado e, de bálsamo, denso,  
De mim para mim mesmo exclamo em gritaria:  
Infeliz! Infeliz! Um Deus piedoso e imenso  
Pelos anjos te manda o repouso e a alegria!

Do nepentes é o sumo! Ei-lo, bebe-o! Ei-lo, esquece!  
Ele é a seara do bem, do esquecimento a messe!  
Nele ouvirás a voz dos gozos celestiais!

É o nepentes ideal que Deus te manda agora!  
Bebe-o! Bebe-o olvidando a tua morta Eleonora!  
E o corvo crocitou de novo: — Nunca mais!

## XV

Pássaro ou Satanás, ave de profecia,  
Sejas ave ou Satã, sempre hás de ser profeta!  
Venhas do teu inferno ou da brava invernia  
Que naufrago te fez, acalma esta alma inquieta.

Já que a noite exigiu, no vôo que te guia,  
Que caíesses aqui, onde a angústia secreta,  
Onde o secreto horror tem teto ou moradia,  
Do pouco que disseste o sentido completa!

Dize-me, por quem és, se neste mundo triste,  
Existe algum reposuso, algum consolo existe  
Para estes meus cruéis sofrimentos mortais!

Existe esse mendaz bálsamo da Judéia  
Que, da saudade, a dor nos arranca da idéia?  
E o corvo, inda outra vez, repetiu: Nunca mais!

## XVI

Profeta ou Satanás, negro ser da desgraça!  
Profeta sempre atroz de negra profecia,  
Pelo azul deste céu que sobre nós se espaça,  
Pelo Deus, todo luz, que em ambos nós radia,

Dize a esta alma sem luz e de dúvidas baça,  
Baça de incertidão e de melancolia:  
Ser-lhe-á dado abraçar o anjo que entre anjos passa,  
E de cujo esplendor hoje o céu se atavia?

Ser-lhe-á dado abraçar a virgem pura e santa,  
Virgem casta e piedosa e que os anjos encanta  
Com seus gestos de encanto e encantos virginais?

Ser-lhe-á dado abraçar, oh! dize-o sem demora,  
A rútila, a radiosa, a radiante Eleonora?  
E o corvo rouquejou, roufenho: Nunca mais!

## XVII

"Que esta palavra, enfim! de negra profecia  
Do teu regresso o início ambicionado seja!  
Regressa ao reino teu, à noite que te envia,  
À noite plutoniana, essa que em ti negreja!

Volve! Cala essa voz que me fere e angustia!  
Reentra no temporal, volve à tua peleja  
De lá fora e não fique uma só pluma esguia  
Neste chão, de tua vil plumagem malfazeja!

Não quero que de ti uma reminiscência  
Fique nesta de dor, sagrada residência,  
Sobre a qual distendeste as asas funerais!

Vai-te! Deixa da deusa a face casta e branca!  
Arranca-me do seio as garras vis, arraca!"  
E o corvo crocitou de novo: Nunca mais!

## XVIII

E o corvo permanece em perpétua estadia,  
Sinistro a repousar, do mármore à brancura.  
Quem o contempla assim pela verdade jura  
Que algum sonho feroz seu aspecto anuncia.

É um demônio a sonhar sonhos que o inferno cria  
E que lhe enrijam mais a rija catadura,  
Tal o fulgor do olhar que os olhos lhe alumia  
E com que a própria sombra ele sondar procura.

Essa sombra que a luz da lâmpada suspensa  
Faz refletir no chão, qual atra nuvem densa,  
No mesmo chão negreja em linhas sepulcrais:

E desse âmbito negro, esse âmbito de sombra,  
Minha alma que da dor da saudade se assombra,  
Nunca mais sairá! Nunca mais! Nunca mais!

FERNANDO PESSOA

1924

Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,  
Vagos curiosos tomos de ciências ancestrais,  
E já quase adormecia, ouvi o que parecia  
O som de alguém que batia levemente a meus umbrais.  
"Uma visita", eu me disse, "está batendo a meus umbrais.  
É só isto, e nada mais."

Ah, que bem disso me lembro! Era no frio dezembro  
E o fogo, morrendo negro, urdia sombras desiguais.  
Como eu qu'ria a madrugada, toda a noite aos livros dada  
P'ra esquecer (em vão!) a amada, hoje entre hostes celestiais —  
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais,  
Mas sem nome aqui jamais!

Como, a tremer frio e frouxo, cada reposteiro roxo  
Me incutia, urdia estranhos terrores nunca antes tais!  
Mas, a mim mesmo infundindo força, eu ia repetindo:  
"É uma visita pedindo entrada aqui em meus umbrais;  
Uma visita tardia pede entrada em meus umbrais.  
É só isto, e nada mais."

E, mais forte num instante, já nem tardo ou hesitante,  
"Senhor", eu disse, "ou senhora, de certo me desculpais;  
Mas eu ia adormecendo, quando viestes batendo  
Tão levemente, batendo, batendo por meus umbrais,  
Que mal ouvi..." E abri largos, franqueando-os, meus umbrais.  
Noite, noite e nada mais.

A treva enorme fitando, fiquei perdido receando,  
 Dúbio e tais sonhos sonhando que os ninguém sonhou iguais.  
 Mas a noite era infinita, a paz profunda e maldita,  
 E a única palavra dita foi um nome cheio de ais —  
 Eu o disse, o nome *dela*, e o eco disse os meus ais,  
 Isto só e nada mais.

Para dentro então volvendo, toda a alma em mim ardendo,  
 Não tardou que ouvisse novo som batendo mais e mais.  
 "Por certo", disse eu, "aquela bulha é na minha janela.  
 Vamos ver o que está nela, e o que são estes sinais.  
 Meu coração se distraia pesquisando estes sinais.  
 É o vento, e nada mais."

Abri então a vidraça, e eis que, com muita negaça,  
 Entrou grave e nobre um Corvo dos bons tempos ancestrais.  
 Não fez nenhum cumprimento, não parou nenhum momento,  
 Mas com ar sereno e lento pousou sobre os meus umbrais,  
 Num alvo busto de Atena que há por sobre os meus umbrais,  
 Foi, pousou, e nada mais.

E esta ave estranha e escura fez sorrir minha amargura  
 Com o solene decoro de seus ares rituais,  
 "Tens o aspecto tosquiado", disse eu, "mas de nobre e ousado,  
 Ó velho Corvo emigrado lá das trevas infernais!  
 Dize-me qual o teu nome lá nas trevas infernais."  
 Disse o Corvo, "Nunca mais".

Pasmei de ouvir este raro pássaro falar tão claro,  
 Inda que pouco sentido tivessem palavras tais.  
 Mas deve ser concedido que ninguém terá havido  
 Que uma ave tenha tido pousada nos seus umbrais,  
 Ave ou bicho sobre o busto que há por sobre seus umbrais,  
 Com o nome "Nunca mais".

Mas o Corvo, sobre o busto, nada mais dissera, agosto,  
 Que essa frase, qual se nela a alma lhe ficasse em ais.  
 Nem mais voz nem movimento fez, e eu, em meu pensamento,  
 Perdido murmurei lento. "Amigos, sonhos — mortais  
 Todos — todos já se foram. Amanhã também te vais."  
 Disse o Corvo, "Nunca mais".

A alma súbito movida por frase tão bem cabida,  
 "Por certo", disse eu, "são estas suas vozes usuais.  
 Aprendeu-as de algum dono, que a desgraça e o abandono  
 Seguiram até que o entono da alma se quebrou em ais,  
 E o bordão de desp'rança de seu canto cheio de ais  
 Era este "Nunca mais".

Mas, fazendo inda a ave escura sorrir a minha amargura,  
 Sentei-me defronte dela, do alvo busto e meus umbrais;  
 E, enterrado na cadeira, pensei de muita maneira  
 Que qu'ria esta ave agoureira dos maus tempos ancestrais,  
 Esta ave negra e agoureira dos maus tempos ancestrais,  
 Com aquele "Nunca mais".

Comigo isto discorrendo, mas nem sílaba dizendo  
 À ave que na minha alma cravava os olhos fatais,

Isto e mais ia cismando, a cabeça reclinando  
 No veludo onde a luz punha vagas sombras desiguais,  
 Naquele veludo onde *ela*, entre as sombras desiguais,  
 Reclinar-se-á nunca mais!

Fez-se então o ar mais denso, como cheio dum incenso  
 Que anjos dessem, cujos leves passos soam musicais.  
 "Maldito", a mim disse, "deu-te Deus, por anjos concedeu-te  
 O esquecimento; valeu-te. Toma-o, esquece, com teus ais,  
 O nome da que não esqueces, e que faz esses teus ais!"  
 Disse o Corvo, "Nunca mais".

"Profeta", disse eu, "profeta — ou demônio ou ave preta! —  
 Fosse diabo ou tempestade quem te trouxe a meus umbrais,  
 A este luto e este degredo, e esta noite e este segredo  
 A esta casa de ânsia e medo, dize a esta alma a quem atrais  
 Se há um bálsamo longínquo para esta alma a quem atrais!"  
 Disse o Corvo, "Nunca mais".

"Profeta", disse eu, "profeta — ou demônio ou ave preta! —  
 Pelo Deus ante quem ambos somos fracos e mortais,  
 Dize a esta alma entristecida, se no Éden de outra vida,  
 Verá essa hoje perdida entre hostes celestiais,  
 Essa cujo nome sabem as hostes celestiais!"  
 Disse o Corvo, "Nunca mais".

"Que esse grito nos aparte, ave ou diabo!", eu disse. "Parte!  
 Torna à noite e à tempestade! Torna às trevas infernais!  
 Não deixes pena que ateste a mentira que disseste!  
 Minha solidão me reste! tira-te de meus umbrais!

Tira o vulto de meu peito e a sombra de meus umbrais!"  
 Disse o Corvo, "Nunca mais".

E o Corvo, na noite infinda, está ainda, está ainda,  
 No alvo busto de Atena que há por sobre os meus umbrais.  
 Seu olhar tem a medonha dor de um demônio que sonha,  
 E a luz lança-lhe a tristonha sombra no chão mais e mais.  
 E a minh'alma dessa sombra que no chão há mais e mais,  
 Libertar-se-á... nunca mais!

## GONDIN DA FONSECA

1928

Certa vez, quando, à meia-noite eu lia, débil, extenuado,  
um livro antigo e singular, sobre doutrinas do passado,  
meio dormindo — cabeceando —, ouvi uns sons, trêmulos, tais  
como se leve, bem de leve, alguém batesse à minha porta.  
"É um visitante", murmurei, "que bate, leve, à minha porta."  
Apenas isso, e nada mais."

Bem me recordo! Era em dezembro. Um frio atroz, ventos cortantes...  
Morria a chama no fogão, pondo no chão sombras errantes.  
Eu nos meus livros procurava — ansiando as horas matinais —  
um meio (em vão) de amortecer fundas saudades de Lenora,  
— bela adorada, a quem, no céu, os querubins chamam Lenora,  
e aqui, ninguém chamará mais.

E das cortinas cor de sangue, o arfar soturno, e brando, e vago  
causou-me horror nunca sentido, — horror fantástico e pressago.  
Então, fiquei (para acalmar o coração de sustos tais).  
a repetir: "É alguém que bate, alguém que bate à minha porta;  
algum noturno visitante, aqui, batendo à minha porta;  
é isso! é isso e nada mais!"

Fortalecido já por fim, brado, perdendo a hesitação:  
"Senhor! Senhora! quem sejais! Se demorei peço perdão!  
Eu dormitava, fatigado, e tão baixinho me chamais,  
bateis tão manso, mansamente, assim de noite à minha porta,  
que não é fácil escutar." Porém só vejo, abrindo a porta,  
a escuridão, e nada mais.

Perquiro a treva longamente, estarecido, amedrontado,  
sonhando sonhos que, talvez, nenhum mortal haja sonhado.  
Silêncio fúnebre! Ninguém. De visitante nem sinais.  
Uma palavra apenas corta a noite plácida: — “Lenora”.  
Digo-a em segredo, e num murmúrio, o eco repete-me — “Lenora!”  
Isto, somente — e nada mais.

Para o meu quarto eu volto enfim — sentindo n’alma estranho ardor,  
e novamente ouço bater, ouço bater com mais vigor.  
“Vêm da janela”, presumi, “estes rumores anormais.  
Mas eu depressa vou saber donde procede tal mistério.  
Fica tranqüilo, coração! Perscruta, calmo, este mistério.  
É o vento, o vento e nada mais!”

Eis, de repente, abro a janela, e esvoaça então, vindo de fora,  
um Corvo grande, ave ancestral, dos tempos bíblicos, — d’outrora!  
Sem cortesias, sem parar, batendo as asas noturnais,  
ele, com ar de grão-senhor, foi, sobre a porta do meu quarto,  
pousar num busto de Minerva, — e sobre a porta do meu quarto  
quedou, sombrio, e nada mais.

Eu estava triste, mas sorri, vendo o meu hóspede noturno  
tão gravemente repousado, hirto, solene e taciturno.  
“Sem crista, embora” — ponderei —, “embora ancião dos teus iguais,  
não és medroso, ó Corvo hediondo, ó filho errante de Plutão!  
Que nobre nome é acaso o teu, no escuro império de Plutão?”  
E o Corvo disse: “Nunca mais!”

Fiquei surpreso — pois que nunca imaginei fosse possível  
ouvir de um Corvo tal resposta, embora incerta, incompreensível,

e creio bem, que em tempo algum, em noite alguma, entes mortais  
viram um pássaro adejar, voando por cima de uma porta,  
e declarar (do alto de um busto, erguido acima de uma porta)  
que se chamava “Nunca mais”.

Porém o Corvo, solitário, essas palavras só murmura,  
como que nelas refletindo uma alma cheia de amargura.  
Depois concentra-se e nem move — inerte sobre os meus umbrais —  
uma só pena. Exclamo então: “Muitos amigos me fugiram...  
Tu fugirás pela manhã, como os meus sonhos me fugiram...”  
Responde o Corvo: “Oh! Nunca mais!”

Pasmo, ao varar o atroz silêncio uma resposta assim tão justa,  
e digo: “Certo, ele só sabe essa expressão com que me assusta.  
Ouviu-a, acaso, de algum dono, a quem desgraças infernais  
hajam seguido, e perseguido, até cair nesse estribilho,  
até chorar as ilusões com esse lúgubre estribilho  
de — “nunca mais! oh! nunca mais!”.

De novo, foram-se mudando as minhas mágoas num sorriso...  
Então, rodei uma poltrona, olhei o Corvo, de improviso,  
e nos estofos mergulhei, formando hipóteses mentais  
sobre as secretas intenções que essa medonha ave agoureira  
— rude, sinistra, repulsiva e macilenta ave agoureira, —  
tinha, grasnando “Nunca mais”.

Mil coisas vagas pressupus... Não lhe falava, mas sentia  
que me abrasava o coração o duro olhar da ave sombria.  
... E assim fiquei, num devaneio, em deduções conjecturais,  
minha cabeça reclinando — à luz da lâmpada fulgente

nessa almofada de veludo, em que ela, agora — à luz fulgente —,  
não mais descansa — ah! nunca mais.

Subitamente o ar se adensou, qual se em meu quarto solitário,  
anjos pousassem, balançando um invisível incensário.

“Ente infeliz” — eu exclamei. — “Deus apiedou-se dos teus ais!  
Calma-te! calma-te e domina essas saudades de Lenora!  
Bebe o nepente benfazejo! Olvida a imagem de Lenora!”  
E o Corvo disse: “Nunca mais.”

“Profeta!” — brado. “Anjo do mal, ave ou demônio irreverente  
que a tempestade, ou Satanás, aqui lançou tragicamente,  
e que te vês, soberbo, e só, nestes desertos areais,  
nesta mansão de eterno horror! Fala! responde ao certo! Fala!  
Existe bálsamo em Galaad? Existe? Fala, ó Corvo! Fala!”  
E o Corvo disse: “Nunca mais.”

“Profeta!” — brado. “Anjo do mal, ave ou demônio irreverente,  
dize, por Deus, que está nos céus, dize! eu to peço humildemente,  
dize a esta pobre alma sem luz, se lá nos páramos astrais,  
poderá ver, um dia, ainda, a bela e cândida Lenora,  
amada minha, a quem, no céu, os querubins chamam Lenora!”  
E o Corvo disse: “Nunca mais.”

“Seja essa frase o nosso adeus” — grito, de pé, com aflição.  
“Vai-te! Regressa à tempestade, à noite escura de Plutão!  
Não deixes pluma que recorde essas palavras funerais!  
Mentiste! Sai! Deixa-me só! Sai desse busto junto à porta!  
Não rasgues mais meu coração! Piedade! Sai de sobre a porta!”  
E o Corvo disse: “Nunca mais.”

E não saiu! e não saiu! Ainda agora se conserva  
pousado, trágico e fatal, no busto branco de Minerva.  
Negro demônio sonhador, seus olhos são como punhais!  
Por cima, a luz, jorrando, espalha a sombra dele, que flutua...  
E a alma infeliz, que me tombou dentro da sombra que flutua,  
não há de erguer-se, “Nunca mais”.

## MILTON AMADO

1943

Foi uma vez: eu refletia, à meia-noite erma e sombria,  
a ler doutrinas de outro tempo em curiosíssimos manuais,  
e, exausto, quase adormecido, ouvi de súbito um ruído,  
tal qual se houvesse alguém batido à minha porta, devagar.  
"É alguém — fiquei a murmurar — que bate à porta, devagar;  
sim, é só isso e nada mais."

Ah! claramente eu o relembro! Era no gélido dezembro  
e o fogo agônico animava o chão de sombras fantasmais.  
Ansiando ver a noite finda, em vão, a ler, buscava ainda  
algum remédio à amarga, infinda, atroz saudade de Lenora  
— essa, mais bela do que a aurora, a quem nos céus chamam Lenora  
e nome aqui já não tem mais.

A seda rubra da cortina arfava em lúgubre surdina,  
arrepinando-me e evocando ignotos medos sepulcrais.  
De susto, em pávida arritmia, o coração veloz batia  
e a sossegá-lo eu repetia: "É um visitante e pede abrigo.  
Chegando tarde, algum amigo está a bater e pede abrigo.  
É apenas isso e nada mais."

Ergui-me após e, calmo enfim, sem hesitar, falei assim:  
"Perdoai, senhora, ou meu senhor, se há muito aí fora me esperais;  
mas é que estava adormecido e foi tão débil o batido,  
que eu mal podia ter ouvido alguém chamar à minha porta,  
assim de leve, em hora morta." Escancarei então a porta:  
— escuridão, e nada mais.

Sonhei a noite erma e tranqüila, olhei-a fundo, a perquiri-la,  
sonhando sonhos que ninguém, ninguém ousou sonhar iguais.  
Estarrecido de ânsia e medo, ante o negror imoto e quedo,  
só um nome ouvi (quase em segredo eu o dizia) e foi: "Lenora!"  
E o eco, em voz evocadora, o repetiu também: "Lenora!"

Depois, silêncio e nada mais.

Com a alma em febre, eu novamente entrei no quarto e, de repente,  
mais forte, o ruído recomeça e repercute nos vitrais.

"É na janela"— penso então. — "Por que agitar-me de aflição?  
Conserva a calma, coração! É na janela, onde, agourento,  
o vento sopra. É só do vento esse rumor surdo e agourento.

É o vento só e nada mais.

Abro a janela e eis que, em tumulto, a esvoaçar, penetra um vulto:  
— é um Corvo hierático e soberbo, egresso de eras ancestrais.  
Como um fidalgo passa, augusto e, sem notar sequer meu susto,  
adeja e pousa sobre o busto — uma escultura de Minerva,  
bem sobre a porta; e se conserva ali, no busto de Minerva,  
empoleirado e nada mais.

Ao ver da ave austera e escura a soleníssima figura,  
desperta em mim um leve riso, a distrair-me de meus ais.  
"Sem crista embora, ó Corvo antigo e singular"— então lhe digo —  
"não tens pavor. Fala comigo, alma da noite, espectro torvo,  
qual é teu nome, ó nobre Corvo, o nome teu no inferno torvo!"  
E o Corvo disse: "Nunca mais."

Maravilhou-me que falasse uma ave rude dessa classe,  
misteriosa esfinge negra, a retorquir-me em termos tais;

pois nunca soube de vivente algum, outrora ou no presente,  
que igual surpresa experimente: a de encontrar, em sua porta,  
uma ave (ou fera, pouco importa), empoleirada em sua porta  
e que se chame "Nunca mais".

Diversa coisa não dizia, ali pousada, a ave sombria,  
com a alma inteira a se espelhar naquelas sílabas fatais.  
Murmuro, então, vendo-a serena e sem mover uma só pena,  
enquanto a mágoa me envenena: "Amigos... sempre vão-se embora.  
Como a esperança, ao vir a aurora, ELE também há de ir-se embora."  
E disse o Corvo: "Nunca mais."

Vara o silêncio, com tal nexa, essa resposta que, perplexo,  
julgo: "É só isso o que ele diz; duas palavras sempre iguais.  
Soube-as de um dono a quem tortura uma implacável desventura  
e a quem, repleto de amargura, apenas resta um ritornelo  
de seu cantar; do morto anelo, um epitáfio: — o ritornelo  
de "Nunca, nunca, nunca mais".

Como ainda o Corvo me mudasse em um sorriso a triste face,  
girei então numa poltrona, em frente ao busto, à ave, aos umbrais  
e, mergulhado no coxim, pus-me a inquirir (pois, para mim,  
visava a algum secreto fim) que pretendia o antigo Corvo,  
com que intenções, horrendo, torvo, esse ominoso e antigo Corvo  
grasnava sempre: "Nunca mais."

Sentindo da ave, incandescente, o olhar queimar-me fixamente,  
eu me abismava, absorto e mudo, em deduções conjeturais.  
Cismava, a fronte reclinada, a descansar, sobre a almofada  
dessa poltrona aveludada em que a luz cai suavemente,

dessa poltrona em que ELA, ausente, à luz que cai suavemente,  
já não repousa, ah! nunca mais...

O ar pareceu-me então mais denso e perfumado, qual se incenso  
ali descessem a esparzir turibulários celestiais.

"Miseró!, exclamo. Enfim teu Deus te dá, mandando os anjos seus,  
esquecimento, lá dos céus, para as saudades de Lenora.

Sorve o nepentes. Sorve-o, agora! Esquece, olvida essa Lenora!"

E o Corvo disse: "Nunca mais."

"Profeta! — brado.— Ó ser do mal! Profeta sempre, ave infernal  
que o Tentador lançou do abismo, ou que arrojaram temporais,  
de algum naufrágio, a esta maldita e estéril terra, a esta precita  
mansão de horror, que o horror habita, imploro, dize-mo, em verdade:  
EXISTE um bálsamo em Galaad? Imploro! dize-mo, em verdade!"

E o Corvo disse: "Nunca mais."

"Profeta! exclamo. Ó ser do mal! Profeta sempre, ave infernal!  
Pelo alto céu, por esse Deus que adoram todos os mortais,  
fala se esta alma sob o guante atroz da dor, no Éden distante,  
verá a deusa fulgurante a quem nos céus chamam Lenora,  
essa, mais bela do que a aurora, a quem nos céus chamam Lenora!"

E o Corvo disse: "Nunca mais!"

"Seja isso a nossa despedida! — ergo-me e grito, alma incendiada.—  
Volta de novo à tempestade, aos negros antros infernais!  
Nem leve pluma de ti reste aqui, que tal mentira ateste!  
Deixa-me só neste ermo agreste! Alça teu vôo dessa porta!  
Retira a garra que me corta o peito e vai-te dessa porta!"

E o Corvo disse: "Nunca mais!"

E lá ficou! Hirto, sombrio, ainda hoje o vejo, horas a fio,  
sobre o alvo busto de Minerva, inerte, sempre em meus umbrais.

No seu olhar medonho e enorme o anjo do mal, em sonhos, dorme,  
e a luz da lâmpada, disforme, atira ao chão a sua sombra.

Nela, que ondula sobre a alfombra, está minha alma; e, presa à sombra,  
não há de erguer-se, ai! nunca mais!